

Maria Cecília B. Amorim Pilla
Rudolf von Sinner
(Orgs.)

O SER HUMANO EM TEMPOS DE COVID-19



Maria Cecília B. Amorim Pilla
Rudolf von Sinner
(Orgs.)

O SER HUMANO EM TEMPOS DE COVID-19



© 2020, Maria Cecília Barreto Amorim Pilla e Rudolf von Sinner
2020, PUCPRESS

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Reitor

Waldemiro Gremski

Vice-Reitor

Vidal Martins

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Paula Cristina Trevilatto

PUCPRESS

Coordenação: Michele Marcos de Oliveira

Edição: Susan Cristine Trevisani dos Reis

Edição de arte: Rafael Matta Carnasciali

Preparação de texto: Janaynne do Amaral

Revisão: Juliana Almeida Colpani Ferezin

Capa e projeto gráfico: Rafael Matta Carnasciali

Diagramação: Rafael Matta Carnasciali

Impressão: Reproset - Indústria Gráfica

Conselho Editorial

Alex Vicentim Villas Boas

Aléxei Volaco

Carlos Alberto Engelhorn

Cesar Candiotto

Cilene da Silva Gomes Ribeiro

Cloves Antonio de Amíssis Amorim

Eduardo Damião da Silva

Evelyn de Almeida Orlando

Fabiano Borba Vianna

Katya Kozicki

Kung Darh Chi

Léo Peruzzo Jr.

Luis Salvador Petrucci Gnoato

Marcia Carla Pereira Ribeiro

Rafael Rodrigues Guimarães Wollmann

Rodrigo Moraes da Silveira

Ruy Inácio Neiva de Carvalho

Suyanne Tolentino de Souza

Vilmar Rodrigues Moreira

PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar

Campus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR

Tel. +55 (41) 3271-1701

pucpress@pucpr.br

Dados da catalogação na publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI-PUCPR
Biblioteca Central
Edilene de Oliveira dos Santos CRB 9/1636

T288
2020

O ser humano em tempos de COVID-19 / Maria Cecília B. Amorim Pilla, Rudolf von Sinner. (orgs.)-- Curitiba : PUCPRESS, 2020
168 p. : il. ; 21 cm. -

Inclui bibliografias

Vários autores

ISBN 978-65-87802-15-2

ISBN 978-65-87802-16-9 (e-book)

1. Direitos humanos. 2. Infecções por Coronavirus. 3. Filosofia – Aspectos psicológicos. 4. Ética. 5. Homem. 6. Vida. I. Pilla, Maria Cecília B. Amorim. II. Sinner, Rudolf von, 1967-.

SUMÁRIO

Prefácio	5
<i>Waldemiro Gremski</i>	
Apresentação	9
<i>Ericson Falabretti</i>	
Introdução	13
<i>Maria Cecília Barreto Amorim Pilla</i> <i>Rudolf von Sinner</i>	
Temor e esperança: agir e resistir em tempos de pandemia	21
<i>Cesar Candiotta</i> <i>Fabiano Incerti</i>	
Da fragilidade humana à fragilidade da ciência: é possível ter esperança diante da incerteza?	37
<i>Léo Peruzzo Júnior</i> <i>Laura Candiotta</i>	
Portanto, não separe a ciência o que o vírus uniu: reflexões sobre a COVID-19 e a finitude humana	51
<i>Euler Renato Westphal</i>	
Sufrimento e sentido: compaixão como desafio ético.....	63
<i>Márcio Luiz Fernandes</i> <i>Mary Rute Gomes Esperandio</i> <i>Mário Antonio Sanches</i>	
Onde está Deus na pandemia?	79
<i>Elias Wolff</i> <i>Rudolf von Sinner</i>	
Múltiplas violências no espaço privado: o lar e a família durante a COVID-19	91
<i>Jaci de Fátima Souza Candiotta</i> <i>Maria Cecília Barreto Amorim Pilla</i> <i>Vanessa Maria de Castro</i>	

**Dissonâncias da educação escolar
no período de pandemia103**

Adelaide Alves Dias

Daniele Saheb Pedroso

Mirian Célia Castellain Guebert

**A tomada de consciência de professores
em tempos de pandemia115**

Evelise Maria Labatut Portilho

Giovanna Beatriz Kalva Medina

**Percepções sobre os processos de
escolarização remota em tempos de COVID-19131**

Katia Ethienne Esteves dos Santos

Patrícia Lupion Torres

Raquel Pasternak Glitz Kowalski

Sueli Perazzoli Trindade

Referências149

Sobre as autoras e os autores163

Prefácio

WALDEMIRO GREMSKI

Vivemos um momento único, momento que nos coloca frente a frente com desafios de uma ordem de grandeza que não se via há mais de século, com os quais não sabemos lidar. Desafios que têm na vida humana seu principal foco, exibindo uma agressividade jamais imaginada, ferozmente imposta por um vírus a todo o planeta, com poderes de alcance e velocidade sem precedentes.

Apesar do empenho no combate à COVID-19, hoje lamentamos milhões de infectados, centenas de milhares de mortos, com a economia em frangalhos e com um futuro carregado de incertezas, herança maior dessa pandemia – eis o momento que vivemos. Isso nos conduz a uma realidade trágica, escancarando a nossa condição de criaturas indefesas, de uma fragilidade até há pouco inimaginável.

Enquanto isso o vírus, um colosso de simplicidade, domina impávido. No auge da pandemia, avoca solene o direito sobre a vida e a morte da humanidade, não importa a raça, a cor, posição social, religião, se aqui, na Ásia, na Europa...

Eis porque estamos recolhidos, isolados, refugiados num verdadeiro retiro. Ou num abrigo. Como numa guerra. Despídos da nossa importância, sem gravata, modestos, com as nossas hierarquias do lado de fora. Cientes de que todos travamos a mesma batalha. A batalha pela vida. E cientes de que poderemos morrer sem qualquer distinção.

E cada um de nós, se atingido, descobre uma realidade dura e chocante. Sua cura depende de suas próprias armas, de sua própria defesa, de seus próprios anticorpos. Todo o restante é coadjuvante. Até que ela, a vacina, se faça presente, a colheita viral continuará em patamares

exponenciais, espalhando a dor e a desesperança entre milhares, talvez até milhões.

Como responder aos desafios daí decorrentes – eis o grande repto que a situação nos impõe. Como explicar a condição daquele indivíduo literalmente encurralado, acuado, perplexo, em grande parte impotente perante a realidade que o oprime, que ameaça a sua vida? Indivíduo totalmente fragilizado, lutando pela sua sobrevivência num mundo onde é mais vítima que ator, onde sua única opção é isolar-se.

Que dizer então do ser humano atingido no seu bem mais valioso, a sua vida? Quando o vírus deixa atrás de si um rastro de morte, com uma herança de sofrimento para milhares de pessoas, deixando em luto milhares de famílias... Contexto que gera um sem-número de perguntas, todas importantes, todas de grande envergadura social, psíquica e religiosa, no limiar de uma revolta quase irrefreável, inúmeras vezes incluindo Deus nesse inconformismo, por ter “permitido” que tal tragédia acontecesse. Será possível encontrar algum sentido em meio a esta realidade eivada de dor e solidão?

Certamente a resposta a essas perguntas tão desafiadoras, com as quais o ser humano é confrontado nestes momentos trágicos, passa longe dos debates que ocorrem hoje sobre o coronavírus 24 horas por dia, com foco em interesses econômicos, políticos ou estatísticos.

Pois bem; diante dessa realidade e olhando ao nosso redor, com a pandemia batendo à nossa porta, há uma lição a aprender. Considero que talvez nunca tivemos ou teremos uma oportunidade como essa de nós pensarmos, de revermos o nosso ser no dia a dia, de aprofundarmos o nosso olhar para além da realidade que nos oprime, que nos desafia.

Este é o foco da obra lançada pela Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, trazendo à luz importantes reflexões de seus programas de pós-graduação *stricto sensu*, com a colaboração de colegas de outras instituições do país e no exterior: “O SER HUMANO EM TEMPOS DE COVID-19”. Obra

construída a várias mãos, sob a coordenação dos professores Maria Cecília Barreto Amorim Pilla e Rudolf von Sinner.

São nove capítulos que se propõem, numa linguagem acessível, porém sempre com sólido embasamento científico, refletir sobre questões que alcançam a vida humana em todos seus aspectos – mentais, espirituais, corporais, sociais, educacionais. Um dos autores pondera, “a divisão entre mente e corpo gerou uma excessiva concentração no corpo, em detrimento dos aspectos psicológicos, sociais, ambientais e espirituais da realidade da vida e do mundo”. Realidade que os autores consideram tarefa da educação e das humanidades refletir e debater com a sociedade, abrangendo o indivíduo no seu todo e não apenas no que se refere ao seu corpo.

Para abranger essas questões sob vários ângulos, a publicação se caracteriza por um enfoque interdisciplinar. O resultado é um debate amplo com cada capítulo explorando temas que, embora de diferente enfoque, se complementam com o todo. O todo aqui entendido como a vida humana sob seus vários aspectos.

Nesse sentido, análises profundas buscam debater a nossa responsabilidade perante a pandemia, com o desafio de manter a esperança frente aos riscos da pandemia, conviver com o medo, com o desespero, mantendo e fomentando a cooperação e solidariedade interpessoais. Tudo isso tendo por base questões extremamente desafiadoras.

Por outro lado, vem a ciência. Que, em princípio, tem tudo a ver com a pandemia. Mas que também acaba expondo seu lado frágil, fazendo jus e refletindo a própria fragilidade humana, mostrando claramente o descompasso entre a alta tecnologia e a demanda da pandemia.

E como encarar o sofrimento causado por uma perda que se abate repentina sobre nós? Como compreender a vida, na sua finitude e fragilidade, frente aos desafios pandêmicos? E a questão lapidar: por que isto está acontecendo? Por que Deus deixa isso acontecer? Onde está Deus na pandemia? “E isso num país tão cheio de religião como o Brasil [...]”

E o que falar de outros aspectos que também trazem grandes traumas, decorrentes indiretamente da pandemia. É a violência doméstica

e social em tempos de confinamento. Ou a ressignificação do andamento do processo educacional, fator que gerou um sem-número de decorrências, nem todas positivas, que alcançam não apenas o aluno, mas o professor, a família do estudante e, por extensão, toda a sociedade.

Em síntese, cada capítulo levanta importantes questionamentos, todos legítimos e que merecem ser respondidos, abrangendo diferentes ângulos relacionados à natureza humana.

Trata-se, portanto, de uma obra que preenche uma grave lacuna no debate travado mundialmente sobre a COVID-19. Obra que se propõe buscar respostas para perguntas que emanam do âmago de consciências que vivem momentos de profunda inquietude.

Por isso, ao longo do livro surge o que poderia ser a sua máxima: qual a nossa responsabilidade com os nossos semelhantes, com a nossa consciência, com Deus nestes tempos tão desafiadores?

Apresentação

ERICSON FALABRETTI

Muito certamente as diferentes reflexões desta obra, um encontro de saberes, pode nos ajudar a compreender a inusitada situação que somos obrigados a viver nesses tempos de pandemia: ter “amigos” e sentir-se sozinho; ter mortos sem poder velar e enterrar; ter que estudar e não poder ir à escola; ver de longe e não poder abraçar; ficar em casa quando temos que trabalhar etc. A crise da COVID-19 é, certamente, o começo de um novo tempo.

No campo da macropolítica institucionalizada, estaríamos vivendo no limite do mundo pós-ocidental, pois a pandemia e as suas consequências, uma crise econômica mais profunda do que aquela de 1929, aliada à incapacidade das grandes nações de lidarem com a situação, revelaria uma nova ordem mundial em curso.

Já no campo da Educação a pandemia nos impôs alguns dilemas e dúvidas: podemos realmente educar em casa as nossas crianças? No campo do trabalho e da economia, empregos e negócios tradicionais simplesmente estão desaparecendo. A própria arquitetura da casa, agora como local de trabalho, está sendo repensada. Seria o lar uma extensão da empresa? Se for assim, como deverão ser organizadas as novas jornadas de trabalho? Como separar a vida doméstica da vida pública?

Ao lado dessas questões também nos deparamos com teorias conspiratórias negacionistas de diferentes matizes e correntes que apontam para uma mudança ainda mais profunda no nosso modo de ser e viver: uma transformação no sentido e na experiência da liberdade.

Em 17 de março de 2020, quando a situação de pandemia já estava estabelecida na Itália e em boa parte do mundo, em um novo

texto denominado “Chiarimenti”,¹ o filósofo italiano Giorgio Agamben reforça o fato de que seus compatriotas estariam dispostos a sacrificar a liberdade e um modo de vida autenticamente político em nome da sobrevivência. Para o autor, o pânico da morte viral, o nosso apego à “vida nua”, o medo de morrer, “não é algo que une os homens, mas os cega e os separa”. Aceitamos, diz Agamben, o estado de exceção como normal. Cegos pelo medo e imobilizados pelos discursos e políticas de biossegurança, esvaziamos os espaços públicos, nos contentamos somente com encontros à distância, concordamos passivamente em enterrar os nossos mortos sem velá-los e, assim, permanecemos presos em nossas casas acreditando que o fim da liberdade será apenas provisório e emergencial. Desse modo, finaliza o filósofo: “O que preocupa não é tanto ou não apenas o presente, mas o depois. [...] é muito provável que tentativas continuem sendo feitas mesmo após a emergência sanitária”.

Entretanto, no atual cenário, também reencontramos um número incontável de negacionistas, espécies de profetas de uma nova era que reverberam, ainda que não do mesmo modo e ao mesmo tempo, o terraplanismo, o antiglobalismo, a inexistência da crise climática, a iminência do fantasma do comunismo, a democracia como berçário da corrupção, o perigo do fim do modelo da família tradicional e a ineficácia de vacinas contra a COVID-19.

Dispersos em todos os cantos, militantes nervosos nas redes sociais, esses novos bárbaros cibernéticos, apóstolos do apocalipse político, sustentam que tudo deveria ser permitido ao indivíduo, inclusive renovar a crença nas ditaduras e nos regimes totalitários, negar o holocausto, combater a democracia, usurpar a natureza sem qualquer limite, dar fim à seguridade social e aos direitos trabalhistas, colocar abaixo todas as conquistas dos direitos humanos e civis e dos sistemas de proteção das mulheres, índios, negros, gays e demais minorias.

¹ Disponível em: <https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-chiarimenti>. Acesso em: 15 jun. 2020.

Como as Humanidades podem enfrentar um mundo no qual a própria humanidade está sendo, de certo modo, ameaçada pela ignorância e estupidéz negacionista? Como responder a isso, a tragédia da COVID-19? Como educar as nossas crianças diante desse mundo impensado?

Em uma conferência intitulada “O que quer dizer pensar?”, o filósofo alemão Heidegger (1889-1976) afirma que não basta ser racional para pensar, pois ser um animal racional não significa, necessariamente, ser um ser pensante. Essa é uma escolha que o ser humano precisa fazer, recorrer à velha fórmula socrática: pensar racionalmente e com ética para enfrentar os seus novos dilemas. Para poder pensar é fundamental, antes de tudo, querer pensar: “Talvez, já desde séculos, o homem vem agindo demais e pensando de menos”,² nos diz Heidegger. Hoje, certamente como nunca, o homem esqueceu de se perguntar sobre o que é pensar racionalmente e com ética. Entretanto, quase que paradoxalmente, com a crise da COVID-19, temos a oportunidade e o dever de recuperar esse pensar humano complexo.

Na sociedade – como ocorre na universidade, pelo menos em intenção – os conhecimentos nas áreas da Tecnologia, Saúde e Humanísticas, se impõem para enfrentarmos a pandemia, pois a técnica não pode se desenvolver independentemente da ética, assim como a economia não pode se sobrepôr ao cuidado e à vida. Assim, na PUCPR, no âmbito dos programas de Pós-Graduação da Escola de Educação e Humanidades, um certo pensar humano, comprometido com o exame dos problemas do nosso tempo, com a vida, vem a público reunindo uma miríade de pensadores e pesquisadores.

Todavia, o que dizer de um livro que ousa “discutir” uma crise ainda em curso, cujo alcance dos reais impactos na reorganização da vida planetária ainda não podemos dimensionar? No mínimo, audacioso. Mas, também, necessário. O leitor, ao percorrer o livro, mesmo limitando-se apenas a olhar o sumário, poderia se perguntar incrédulo: como um livro que não fala de números – do total de vítimas, do

² HEIDEGGER (1964, p. 112).

impacto no PIB etc. – pode nos ajudar e ser necessário? Como um livro sem gráficos, planilhas e fórmulas pode nos ajudar a entender a crise de COVID-19?

A resposta, posso afirmar com certeza, está no próprio título da obra. Em um tempo em que a vida e a morte foram convertidas em indicadores, meros meios de análise e dados em planilhas, Filósofos, Teólogos, Historiadores, Sociólogos, Psicólogos, Educadores e Cientistas buscam reestabelecer O SER HUMANO EM TEMPOS DE COVID-19.

Em uma época em que trocamos o perfume pelo álcool, o aperto de mãos pelo aceno, em mundo cada vez mais desigual, é preciso escutar os intelectuais, apreender com os Teólogos, por exemplo, que o modo como praticamos e comunicamos as nossas crenças e valores, ainda mais quando consideramos a aldeia global que nos envolve, impacta diretamente no nosso direito a respirar e viver. Se temos um vírus que sufoca os nossos pulmões e, necessariamente, precisamos de vacinas e medicamentos para combatê-lo, as Humanidades também nos lembram que a responsabilidade ética é um dever irrecusável.

Assim, o leitor encontrará nas páginas desse livro um cruzamento de análises e testemunhos teóricos sobre como reagimos com esperança, compaixão, fé, solidariedade e pensamento crítico aos efeitos da pandemia, ao medo do vírus, ao pavor da morte e da violência que transita em nossos lares, nas nossas escolas e cidades nessa época obscura de negacionistas.

Introdução

MARIA CECÍLIA BARRETO AMORIM PILLA

RUDOLF VON SINNER

Há mais de seis meses, a pandemia de COVID-19 determina grande parte da vida da humanidade – seja carregando e espalhando o novo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, seja adoecendo com a COVID-19, seja atendendo aos doentes, seja mantendo outros serviços essenciais, seja ficando em casa para reduzir o perigo de infecção. O intelectual israelense Yuval Noah Harari disse que a crise irá moldar-nos conforme as decisões que tomamos. Estamos vendo, ao mesmo tempo, empenhos sobre-humanos no combate à doença, solidariedade inédita, redução de poluição devido à diminuição da circulação de veículos e, especialmente, aviões. Paralelamente, vemos descasos políticos, pessoas descuidadas, aproveitamento e ganância de alguns representados no rosto do sofrimento de outros. O melhor e o pior da humanidade vêm à tona em momentos de crise, quando não há mais como escondê-los.

A pandemia coloca enormes desafios aos governos, aos sistemas de saúde e, também, à população, sobretudo para a mais exposta e vulnerável. Enquanto estão sendo tomadas medidas para conter a COVID-19, tais como pesquisas sobre o coronavírus, desenvolvimento de vacinas e produção de aparelhos necessários para o tratamento dos doentes e equipamentos de proteção individual, bem como iniciativas para amenizar a perda de emprego e renda, questões mais de fundo surgem sobre a percepção que o ser humano tem de si mesmo, do vírus e do mundo que o cerca. Como organizar a convivência da comunidade humana diante da ameaça de contágio que modifica a forma de relacionar-se, talvez de forma duradoura? Como trabalhar a perda e o necessário restabelecimento

da confiança interpessoal e institucional, especialmente quanto ao poder político? Como fomentar e sustentar a longo prazo a cooperação e solidariedade interpessoais e o cuidado consigo e com as outras pessoas, em especial com as mais vulneráveis? Como evitar e contornar as violências doméstica e social em tempos de confinamento? Como se modificam a compreensão da vida, sua finitude, fragilidade, vulnerabilidade e sustentabilidade diante da presente ameaça? Como ficam e ficarão os sistemas de controle e o potencial autoritarismo em tempos de prevenção e quais serão as suas consequências para a liberdade humana? Será que, como afirma Harari, o ódio, a tristeza, a reação humana de modo geral, enquanto negativa, são mais perigosos do que o próprio vírus? E que não será o vírus, mas serão as decisões humanas tomadas diante e além dele que formatarão nosso futuro?

Portanto, por mais que sejam importantes, necessárias e louváveis os empenhos médicos e da pesquisa científica no combate à COVID-19, a crise da pandemia no Brasil ultrapassa a dimensão das ciências da vida e questiona a vida humana em si, o ser humano em suas posturas, decisões e autocompreensão. Por isso, os Programas de Pós-Graduação (PPGs) *Stricto Sensu* da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) se uniram a colegas de outras instituições de ensino superior no país e no exterior para refletir sobre as implicações da pandemia para o ser humano. Temos contribuições dos PPGs em Direitos Humanos e Políticas Públicas, em Educação, em Filosofia e em Teologia. Entendemos ser esta a tarefa da educação e das humanidades numa situação assim: comunicar-se e refletir junto à população sobre questões que condizem com a vida humana em todos os seus aspectos – mentais, espirituais, corporais, sociais e educacionais. Isso afeta a nossa convivialidade, as nossas atitudes e a nossa responsabilidade. A solidariedade e o cuidado entre as pessoas, tão necessária sempre, mas de modo especial em tempos de crise, nos níveis local, nacional e internacional, não depende apenas da nossa disposição genética – embora haja importantes indícios que nem os genes sejam tão “egoístas” com alguns alegam, mas, antes,

orientados para a intersubjetividade – mas, dos nossos princípios e valores éticos, desenvolvidos histórico e culturalmente.

Ao procurar orientação, um dos olhares possíveis é pela história. É claro que hoje sabemos muito mais sobre vírus do que durante a gripe espanhola de 1918-1920 que matou entre 50 a 100 milhões de pessoas na Europa, mais mortes do que as duas guerras mundiais causaram. Hoje a escala de infecções e mortes é espantosamente alta para os nossos tempos, mas bem mais baixa do que foi na época, graças ao avanço da ciência. No entanto, a atitude diante de uma tão contagiosa doença pode carregar desafios semelhantes. A doença como alegoria para atitudes humanas foi explorada e descrita pelo filósofo e escritor franco-argelino Albert Camus (2020) em seu livro *A peste*, de 1947, evocando uma revolta contra o absurdo e a favor dos valores revelados pela própria revolta. Outro exemplo mais distante é o do Reformador Martin Lutero, que durante uma das ondas da peste bubônica (assim chamada devido aos visíveis “bubões”, gânglios linfáticos inchados, ou “peste negra” devido à cor das manchas que produzia em vários lugares do corpo) no século XVI, escreveu a carta aberta intitulada “Se alguém deve fugir diante de uma praga mortal” (LUTHER, 1901 [1527]). Quando a peste chegou à cidade universitária de Wittenberg, onde Lutero era professor, a universidade foi ordenada a sair da cidade, mas Lutero e alguns outros permaneceram para “cuidar dos doentes e dos assustados”. A própria casa de Lutero foi transformada num hospital. Em sua carta, afirmou que os que têm responsabilidade não devem fugir, mas cuidar dos que estão sob a sua responsabilidade, política, profissional, familiar ou religiosa. Os demais deveriam se afastar da doença o quanto pudessem. Para Lutero, alguns pecaram “do lado esquerdo”: fugiram do mandamento de Deus para amar e servir o próximo. Já outros pecaram “do lado direito”, tentando Deus ao desrespeitar tudo que pudesse ser feito para conter a praga e evitar a morte. Afirmou Lutero sobre estes:

Eles [...] desprezam o uso de remédios [...] Dizem que é o castigo de Deus; se Ele quer protegê-los, ele pode fazê-lo sem remédios ou cuidados humanos. Isto significa não confiar em Deus, mas tentá-lo. Deus criou remédios e nos providenciou com inteligência para proteger e cuidar bem do corpo para que possamos viver em boa saúde. (LUTHER, 1901, p. 364, tradução nossa).¹

O certo, para Lutero, é a seguinte postura:

E pense assim: [...] Pedirei a Deus para, misericordiosamente, proteger-nos. Então farei vapor, ajudarei a purificar o ar, a administrar remédios e a tomá-los. Evitarei lugares e pessoas onde minha presença não é necessária para não ficar contaminado e, assim, porventura infligir e poluir outros e, portanto, causar a morte como resultado da minha negligência. Se Deus quiser me levar, ele certamente me levará e eu terei feito o que ele esperava de mim e, portanto, não sou responsável pela minha própria morte ou pela morte de outros. Se meu próximo precisar de mim, não evitarei o lugar ou a pessoa, mas irei livremente conforme declarado acima. Veja que essa é uma fé que teme a Deus, porque não é ousada nem insensata e não tenta a Deus. (LUTHER, 1901, p. 364-365).²

O que se pode deprender desta carta? O mais importante é uma atitude de responsabilidade, pela qual respondemos por nossos atos a nossa consciência, aos outros seres humanos, a Deus. Como podemos agir responsabilmente diante da pandemia? O que podemos aprender com ela? Haverá uma “normalidade” após a crise ou ela nos mudará para sempre, e, se assim for, de que forma? Para tal, os capítulos que se seguem dão pistas.

¹ No original: “Sie [...] verachten ertzney zu nemen [...] und sagen, Es sey Gotts straffe, wolle er sie behüeten, so wird ers wol thun, on alle ertzney und unsern vleys. Solchs heisst nicht Gott trawen, sondern Gott versuchen. Denn Gott hat die ertzney geschaffen und die verunffft gegeben, dem leibe fur zustehen sein pflegen, das er gesund sey und lebe.”

² Tradução disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/o-conselho-pastoral-de-lutero-durante-a-peste-negra>. Acesso em: 13 jul. 2020.



A segunda década do século XXI terminou com uma notícia que de início pareceu menor do que se transformou meses depois. Quem poderia imaginar que aquelas primeiras notícias vindas de um hospital de uma cidade do interior da China, na virada do ano 2019 para 2020, poderiam impactar de tal forma as vidas do planeta? Tudo começou com sete pacientes internados com pneumonia em dezembro de 2019 em Wuhan, e ao longo dos meses que se seguiram os números de infectados no mundo chegam à casa de milhões, dentre eles centenas de mortos. Esse é um cenário assustador para um mundo em que a crença cega em avanços da tecnologia pode nos salvar de tudo. E de repente tudo o que parecia certo se transformou em dúvidas, em perdas, de trabalho, de renda, de familiares, amigos, o mero ato do encontro entre as pessoas tornou-se uma ameaça. Diante de todo esse quadro que nos colocou como protagonistas e coadjuvantes de um episódio de uma série distópica, um grupo de pesquisadores, filósofos, historiadores, teólogos, pedagogos, construiu reflexões a respeito da efemeridade da existência humana, ao mesmo tempo em que propõe argumentos a favor de uma vida mais digna, da singeleza das relações entre os seres, e da importância da dignidade e do amor.